

# Márcio Moreira Alves

■ DE BRASÍLIA



## Recordações de Santiago

A peregrinação sentimental de Fernando Henrique a Santiago do Chile misturou saudades e orgulho. Eleito presidente, retribuiu com alegria a acolhida recebida e incluiu na sua comitiva Francisco Weffort, Paulo Renato, Arthur da Távola e Almino Afonso, para representarem os que, como ele, viveram exilados no Chile democrático dos anos 60. Faziam parte do primeiro grupo de brasileiros expulsos da nossa terra pela loucura maniqueísta da guerra fria, que classificava como inimigos os que não eram a favor da repressão aos movimentos sociais e das violações dos direitos cívicos e humanos dos cidadãos.

A lista poderia ter sido bastante ampliada. Paulo Freire aperfeiçoou os seus métodos de ensino participativo no organismo encarregado da reforma agrária promovida por Eduardo Frei, pai do atual presidente. Paulo Tarso Santos, que fora ministro da Educação de João Goulart, também trabalhava nesse organismo. Plínio Arruda Sampaio tornou-se no Chile um especialista em assentamentos camponeses e economia agrária até hoje consultado pela FAO. José Serra desistiu de ser engenheiro e tornou-se economista. Escreveu, de parceria com Maria da Conceição Tavares, a primeira análise lúcida sobre o processo de crescimento econômico sem distribuição de renda que ocorria no Brasil.

Os democratas-cristãos no poder nos acolheram sem indagar o credo político de ninguém, em grande parte devido ao prestígio no movimento de Franco Montoro, que Fernando Henrique também convidou a acompanhá-lo.

Fiz parte da segunda leva de exilados. Cheguei ao Chile na véspera do ano novo de 1969, de passagem para a França, onde me aguardava um doutorado. A intenção era fazer um descanso de 15 dias, para recuperar-me dos sobressaltos da clandestinidade. Com uma semana, já percebera que, como a maioria dos brasileiros, desconhecia inteiramente a América Hispânica, e as vagas noções que disfarçavam minha ignorância eram todas preconceituosas. Uma conversa com Paulo Tarso decidiu-me a ficar. Disse ele:

— A América Latina não exclui uma futura ida para a Europa. Mas,

se você for agora para Paris, não volta e nunca mais vai aprender a América Latina. E nós somos é latino-americanos, não europeus ou norte-americanos.

Aprendi muito em um ano e meio, sobretudo pela convivência com os mais notáveis intelectuais do continente, que, atraídos pela Cepal e pelo prestígio de Raul Prebisch, o seu fundador, visitavam freqüentemente Santiago ou lá moravam. Todas as semanas havia conferências e seminários, que se prolongavam em discussões nas casas dos amigos ou nas mesas de bar. Em chileno, convidava-se para "conversar una botella", que é o tempo que se leva para beber uma garrafa de vinho.

O presidente Arturo Alessandri, que morava no Centro, costumava caminhar até o Palácio de la Moneda, parando para um cafezinho no Café Haiti. Eduardo Frei, seu sucessor, já tinha de tomar mais cuidado com sua segurança pessoal, mas era freqüente encontrá-lo, à noite, nos restaurantes. A calma da democracia exemplar começava a ser ameaçada pelo radicalismo da luta de classes que viria a destruí-la, mas mantinham-se os hábitos de tempos mais tranquilos.

Um exemplo da solidariedade para com os brasileiros: o poeta Thiago de Melo, que fora um extraordinário adido cultural em Santiago até ser demitido pela ditadura, bateu à minha porta na madrugada de um dia de inverno. Entrara clandestino e queria asilo político. Telefonei para Gabriel Valdez, ministro do Exterior, que marcou logo a audiência. Quando entrei no seu vasto escritório no Palácio de la Moneda, mandou-me parar.

— Sei o que vens fazer aqui, disse. Vens pedir asilo para o Thiago de Melo. Nós vamos conceder-lhe o asilo sob duas condições: que não se meta na política chilena e não ande mais de batina de padre pelas ruas de Santiago. Ontem tive um trabalho danado para impedir que a polícia o prendesse.

Os primeiros versos do hino chileno podem parecer exagerados: "Puro Chile, teu céu azulado é a imagem feliz do Eden." O hino também proclamava ser o Chile asilo contra a opressão. Era verdade. Pinochet manchou-o de sangue, mas o azul volta a aparecer.